

[77]

RANKINGS ESCOLARES: O PÚBLICO E O PRIVADO

Maria João Pereira e Tiago Neves

CIE - FPCEUP

Na última década, os rankings das escolas secundárias baseados em indicadores de performance adquiriram relevo nos debates educativos em Portugal. A justificação inicial da sua publicação foi a asserção da possibilidade duma avaliação objectiva da qualidade das escolas. Isto possibilitaria uma melhor prestação de contas e um acréscimo da autonomia escolar, nomeadamente através de feedback indutor de mudanças organizacionais. Promoveria também escolhas informadas das famílias relativamente às escolas a frequentar (Afonso, 2009). Estes rankings são produzidos e publicados pelos mass media com base em dados disponibilizados pelo Ministério da Educação.

Todavia, as metodologias utilizadas na elaboração dos rankings apresentam algumas limitações, tal como o facto de não atenderem às questões do estatuto socio-económico dos estudantes. Designadamente, não problematizam as diferenças entre escolas privadas e públicas, escolas selectivas e não selectivas (Santiago et al., 2004), tomando os resultados obtidos nos exames nacionais como único indicador da qualidade e eficácia das escolas. As escolas tornam-se objectos unidimensionais. Nesta medida, os rankings, instrumentos supostamente neutros e não-ideológicos, elevam-se acima das realidades sociais e territoriais. Por isso revelam-se cegos à desigualdade e injustiça sociais, podendo mesmo contribuir para as promover.

Esta apresentação problematiza a relação, as diferenças e as semelhanças entre público e privado que são visíveis na análise dos rankings mais recentes. A

pesquisa foi complementada com entrevistas a directores de escolas públicas e privadas situadas em diferentes lugares dos rankings. Estas entrevistas focaram as suas representações dos rankings, das metodologias da sua elaboração, da relação entre resultados internos e resultados dos exames nacionais, assim como da retroacção sobre o funcionamento das escolas e as escolhas das famílias (Melo, 2009).

Referências

- Afonso, A.J. (2009). Nem tudo o que conta em educação é mensurável ou comparável. Crítica à accountability baseada em testes estandardizados e rankings escolares. *Revista Lusófona de Educação*, 13, pp. 13-29.
- Melo, M.B.P. (2009). Os professores do ensino secundário e os rankings escolares: reflexos da reflexividade mediatizada. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Santiago, R. et al. (2004). Um olhar sobre os rankings. Coimbra: Fundação das Universidades Portuguesas.

[Palavras-chave] rankings, desigualdades, público, privado